

## OS SECTORES EXPORTADORES DE TÊXTEIS E VESTUÁRIO EM PORTUGAL – TENDÊNCIAS RECENTES\*

João Amador\*\*

Luca David Opromolla\*\*

### 1. INTRODUÇÃO

Os sectores dos têxteis e do vestuário constituem uma parte relevante da indústria transformadora e do comércio externo português. No seu conjunto, estes dois sectores representaram 2.0 por cento do valor acrescentado bruto, 4.3 por cento do emprego e 11.8 por cento do total das exportações de manufacturas da economia portuguesa em 2006. No entanto, estes sectores sofreram choques significativos nas últimas duas décadas e têm-se tornado relativamente menos importantes.

Os têxteis e o vestuário são sectores distintos e com as suas especificidades, mas estão fortemente relacionados em termos tecnológicos e de política comercial. Os dois sectores estão ligados verticalmente pois os têxteis são o principal *input* para os produtos de vestuário. No entanto, estas ligações envolvem também as actividades de distribuição e venda pois os retalhistas do sector do vestuário gerem cada vez mais os canais de distribuição de ambos os sectores (veja-se Nordäs (2004)). Adicionalmente, até 2005 o comércio internacional nos sectores dos têxteis e vestuário foi internacionalmente regulado pelo Acordo de Têxteis e Vestuário (ATV), no âmbito da Organização Mundial de Comércio. Tal como descrito por Hanzl-Weiß (2004), os têxteis e o vestuário são sectores trabalho intensivo onde a produção é desenvolvida por pequenas e médias empresas. No entanto, note-se que os sectores dos têxteis e do vestuário não são homogéneos em termos de sofisticação da produção, coexistindo no mesmo sector ou indústria segmentos de alto e baixo valor acrescentado<sup>1</sup>. Nos segmentos de alto valor acrescentado a investigação e o desenvolvimento é um importante factor competitivo. Por exemplo, na indústria da moda ou no equipamento desportivo os materiais, o design e o *marketing* desempenham um papel crucial.

Nas últimas duas décadas estes sectores sofreram diversos choques estruturais com efeitos significativos na sua dimensão relativa na economia e nas características das empresas (veja-se OCDE, 2004). No que diz respeito à realidade portuguesa nos sectores dos têxteis e do vestuário, pode dizer-se que existe uma longa experiência de participação e concorrência nos mercados internacionais, datando da adesão à Associação Europeia de Comércio Livre (*EFTA*) em 1960. Na verdade, a liberalização comercial que resultou da *EFTA* contribuiu fortemente para a expansão dos sectores dos têx-

\* Os autores agradecem a Sónia Cabral e a José António Machado pelos seus comentários. As opiniões expressas no artigo são as dos autores e não coincidem necessariamente com as do Banco de Portugal ou do Eurosistema.

\*\* Departamento de Estudos Económicos, Banco de Portugal.

(1) Schott (2004), utilizando informação para as importações dos EUA ao nível do produto, mostra que, embora este país adquira produtos semelhantes em países de maiores e menores salários, os valores unitários dos produtos variam sistematicamente com as dotações relativas e tecnologias de produção do exportador. A existência de especialização dentro do produto é um aspecto importante para a compreensão do impacto da globalização nas empresas e nos trabalhadores.

teis e do vestuário em Portugal pois a sua natureza trabalho intensiva ajustava-se à dotação de factores da economia que era relativamente abundante em trabalho. Em resultado, os clássicos índices de Balassa mostram para Portugal uma vantagem comparativa revelada nestes sectores desde os anos sessenta (veja-se Amador *et al.* (2007)). A adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986 e a implementação do Mercado Único Europeu em 1993 trouxeram mais liberalização a estes sectores. No entanto, o mercado da CEE estava ele próprio protegido pelas quotas às importações impostas pelo Acordo Multi-Fibras (AMF), dando aos exportadores portugueses uma vantagem competitiva no mercado europeu. A progressiva eliminação das restrições quantitativas ocorreu de acordo com o ATV, durante o período 1995-2005. As consequências desta liberalização ao nível europeu e mundial foram já bastante estudadas. A este respeito vejam-se, por exemplo, OCDE (2004), Nordäs (2004), Francois *et al.* (2007) e Fox *et al.* (2008). Um resultado comum nos vários estudos é o de que estas alterações foram benéficas para os países com maior produção e que estavam condicionados pelas quotas, em particular a China que aderiu à Organização Mundial de Comércio em 2001, após 15 anos de negociações<sup>2</sup>. Acontecimentos recentes como o alargamento da União Europeia (UE) à Roménia e à Bulgária em 2007, países com custos do trabalho relativamente baixos e sectores têxteis e de vestuário importantes, colocarão maiores desafios aos exportadores portugueses em termos de deslocalização da produção. Em síntese, o cenário recente revela desafios significativos e a informação estatística disponível aponta para uma significativa perda de quota de mercado nas indústrias têxteis e de vestuário no período 1997-2006 (veja-se Amador e Cabral (2008)).

Este artigo contém uma abordagem descritiva da evolução dos sectores dos têxteis e vestuário em Portugal, adoptando duas perspectivas complementares. Em primeiro lugar, com base em dados agregados para estes sectores, identificam-se as principais tendências desde o início dos anos oitenta. Em segundo lugar, utilizam-se dados de empresas produtoras de têxteis e vestuário para analisar em maior detalhe as alterações verificadas nos dois sectores de 1996 a 2005. Neste contexto, apresenta-se a distribuição das empresas de acordo com a sua dimensão, número de variedades exportadas e mercados cobertos. Adicionalmente, identificam-se alterações na distribuição dos valores unitários dos produtos têxteis e de vestuário exportados pelas empresas portuguesas para os principais mercados de destino, relativamente aos valores unitários médios observados nesses mesmos mercados. Duas outras dimensões interessantes cobertas no artigo são a demografia das empresas nestes sectores e a decomposição da taxa de variação nominal das exportações observada em cada ano com base na evolução do número de empresas, produtos e destinos. As limitações de informação estatística impossibilitam a agregação dos dados de empresa de forma a obter uma análise de longo prazo compatível.

Este artigo está organizado da seguinte forma: A próxima Secção descreve o conjunto de bases de dados e classificações utilizadas; A Secção 3 contém uma análise agregada das principais tendências observadas nos têxteis e vestuário nas últimas duas décadas; A Secção 4 descreve as características

(2) Para um artigo sobre o impacto da concorrência chinesa na indústria têxtil belga veja-se Monforte *et al.* (2008).

dos produtores e exportadores de têxteis e vestuário com particular ênfase na sua combinação de produtos e destinos; A Secção 5 apresenta algumas conclusões.

## 2. DADOS

A análise desenvolvida no artigo combina várias bases de dados contendo desde informação agregada até informação ao nível da empresa. Utiliza-se a base de dados sectorial (*STAN*) da OCDE para o período 1980-1994, complementada com informação incluída nas contas nacionais do Instituto Nacional de Estatística (INE) para o período 1995-2006 para obter o peso dos têxteis e vestuário no valor acrescentado bruto (VAB). O número total de empresas e empregados trabalhando nos têxteis e vestuário no período 1982-2006 é obtido pela agregação de informação ao nível de empresa dos “Quadros de Pessoal”. Esta é uma base de dados muito completa mantida pelo Ministério da Segurança Social e do Trabalho. A identificação das empresas produtoras de têxteis e vestuário é feita com base na classificação das actividades económicas (CAE)<sup>3</sup>. A base de dados de comércio internacional *CEPII-CHELEM* é utilizada para calcular os pesos das exportações de têxteis e vestuário no total das exportações de manufacturas em Portugal e noutros países. Esta base de dados contém informação baseada na *International Standard Industrial Classification of all Economic Activities (ISIC rev.3)* que tem uma correspondência com a *NACE*. A recente base de dados *CEPII-BACI* permite obter valores unitários de exportações e importações de têxteis e vestuário para Portugal e para os seus principais parceiros comerciais de 1995 a 2004, utilizando uma decomposição a 6 dígitos da versão de 1992 da nomenclatura *Harmonized System (HS)* (veja-se Gaulier e Zignaro (2008) para uma descrição detalhada desta base de dados)<sup>4</sup>.

A análise ao nível da empresa é possibilitada pela utilização de uma base de dados que combina informação detalhada e exaustiva sobre o comportamento exportador e importador das empresas. A base de dados inclui todas as transacções associadas a exportações de empresas localizadas em Portugal, numa base mensal, de 1996 a 2005. Um registo de transacção contém a identificação fiscal da empresa, o código de produto a 8 dígitos da Nomenclatura Combinada, o valor da transacção, a quantidade de bens exportados (expressa em Kg.), o país de destino, o meio de transporte, um código *incoterm* descrevendo como os custos de transporte, riscos e seguros são repartidos entre comprador e vendedor (*free on board (FOB)*, *cost, insurance and freight (CIF)*, etc.) e uma variável indicando o tipo de transacção (transferência de propriedade após o pagamento, devolução de um produto, etc.).

No caso do comércio extra-comunitário os dados utilizados resultam das declarações alfandegárias e no caso do comércio intra-comunitário resultam do formulário *Intrastat*, agregando para o total das exportações portuguesas reportado pelo INE. Na análise efectuada são consideradas apenas transac-

(3) A classificação das actividades económicas (CAE) utilizada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) associa empresas a indústrias com base na actividade mais relevante em termos de produção e utilização de *inputs*. No período analisado ocorreram duas revisões na CAE (da CAE rev.1 para a CAE rev.2 e depois para a CAE rev.2.1), o que exigiu a utilização de tabelas de correspondência. Esta classificação é muito semelhante à *Statistical Classification of Economic Activities in the European Community (NACE)*.

(4) A nomenclatura *Harmonized System (HS)* é gerida pela *World Customs Organization (WTO)*. Esta classificação de bens é utilizada pela maioria dos países exportadores e importadores e nas negociações comerciais internacionais. A HS foi iniciada em 1988 e foi actualizado no dia 1 de Janeiro de 1992, 1996, 2002 e 2007.

ções de bens envolvendo empresas localizadas em Portugal continental com valor superior a 100 euros. Ainda assim os dados cobrem em média mais de 99 por cento do total das exportações e cerca de 75 por cento dos exportadores. Os dados são agregados ao nível anual, todos os valores estão expressos em euros correntes<sup>5</sup> e restringe-se a classificação dos produtos a 6 dígitos da nomenclatura *HS*. Como ilustração, apresenta-se em apêndice um exemplo de um produto a 6 dígitos da nomenclatura *HS*<sup>6</sup>.

Dado que são utilizadas neste estudo várias bases de dados, é necessária uma clarificação sobre que fonte é utilizada na análise ao nível da empresa. Inicialmente (Quadros 1 a 3) consideram-se todas as empresas constantes nos dados de comércio que exportam produtos têxteis ou de vestuário. Posteriormente (Quadros 4 a 6 e Gráficos 4 a 7), quando foi necessária informação adicional sobre as características das empresas, consideraram-se as que estão presentes simultaneamente nos “Quadros de Pessoal” e na base de dados de comércio ao nível da empresa. O conjunto de empresas nestas duas bases de dados não é igual. Vinte por cento das empresas que exportam têxteis e vestuário não estão presentes nos “Quadros de Pessoal”, representando 10 por cento do total das exportações destes produtos. Deste modo, o conjunto de empresas consideradas a partir do Quadro 3 é diferente do utilizado anteriormente. Adicionalmente, foi necessário algum esforço para tornar a componente agregada da análise que utiliza a classificação *ISIC rev.3* da base de dados *CEPII-CHELEM* consistente com a análise ao nível da empresa que utiliza dados expressos de acordo com a nomenclatura *HS*. Para o efeito, foi utilizada uma tabela de correspondência (existente na documentação da base de dados *CEPII-BACI*) para fazer corresponder os códigos *ISIC* aos códigos da nomenclatura *HS* 1992. Seguidamente os códigos *HS* 1992 para os têxteis e vestuário foram convertidos nos códigos *HS* 1996 e *HS* 2002.

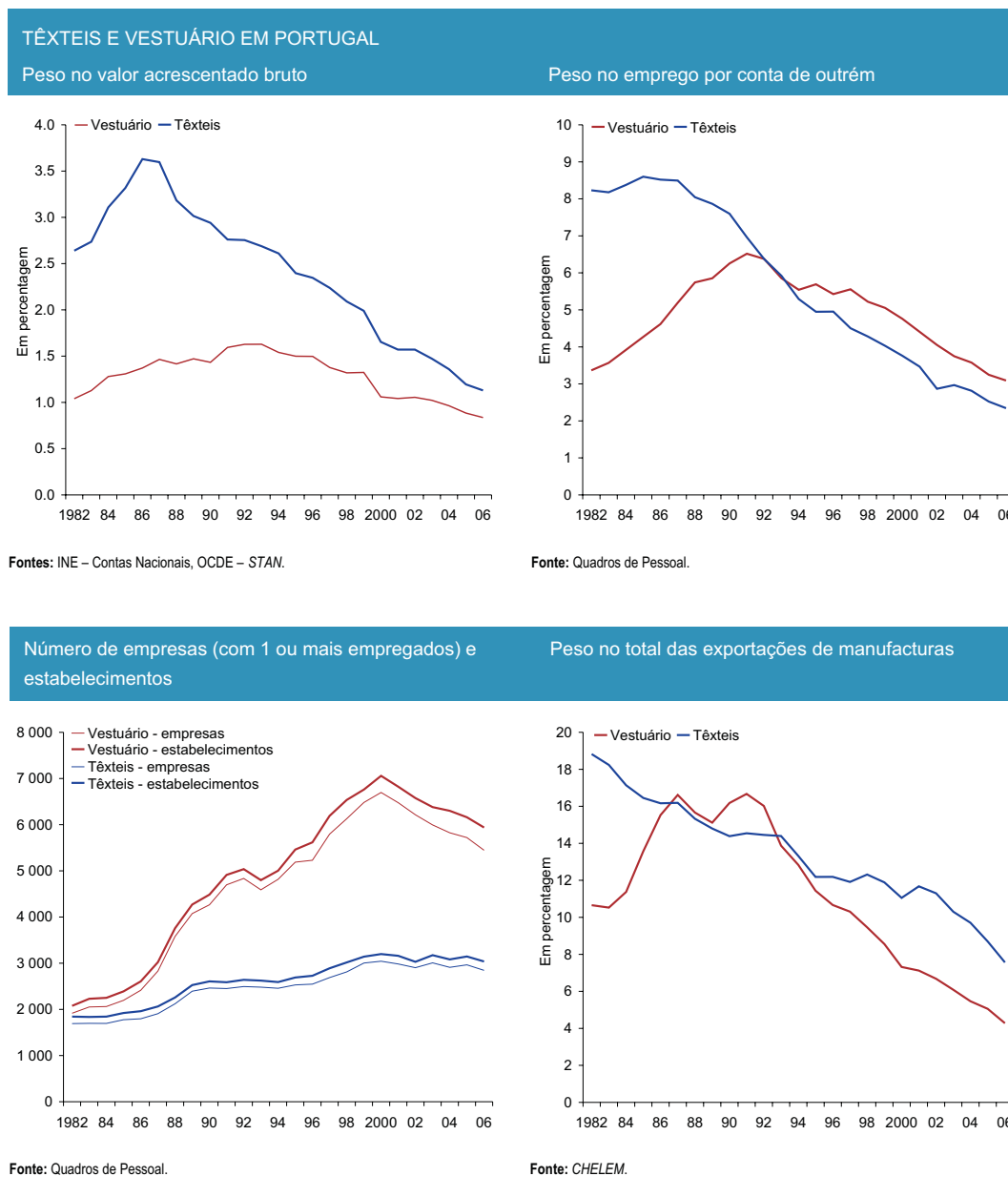
### 3. ANÁLISE AGREGADA (1982-2006)

Os têxteis e vestuário são sectores importantes na economia portuguesa, embora o seu peso relativo tenha diminuído significativamente nas últimas duas décadas. A evolução temporal de um e outro sectores tem sido substancialmente diferente. O Gráfico 1 apresenta a evolução do peso dos têxteis e do vestuário no VAB, no número total de empregados e no total das exportações de manufacturas, nos painéis (a), (b) e (d), respectivamente. O painel (c) apresenta a evolução do número de estabelecimentos e empresas de têxteis e vestuário. No início dos anos oitenta o sector têxtil representava cerca de 2.5 por cento do total do VAB, enquanto o sector do vestuário correspondia a cerca de 1 por cento. Até à adesão à CEE em 1986 ambos os sectores aumentaram o seu peso no VAB mas posteriormente evoluíram de modo muito diferente. A importância relativa do sector têxtil reduziu-se continuamente após 1986, atingindo um peso no total do VAB ligeiramente superior a 1 por cento em 2006. Pelo contrário, o sector do vestuário aumentou em termos relativos até 1992, atingindo um peso de

(5) A única excepção é o Gráfico 5 onde os valores são convertidos de preços (euros) de 1995 para preços (euros) de 2004.

(6) Deste modo, os códigos dos produtos nos dados em bruto seguem a *HS* 1996 no período 1996-2001 e a *HS* 2002 no período 2002-2005. O sistema da Nomenclatura Combinada é composto pela nomenclatura *HS* com mais subdivisões da Comunidade Europeia. Os primeiros seis dígitos da Nomenclatura Combinada coincidem aproximadamente com a nomenclatura *HS*.

Gráfico 1



1.5 por cento do total do VAB, que se reduziu depois progressivamente para um peso ligeiramente inferior a 1 por cento, em 2006.

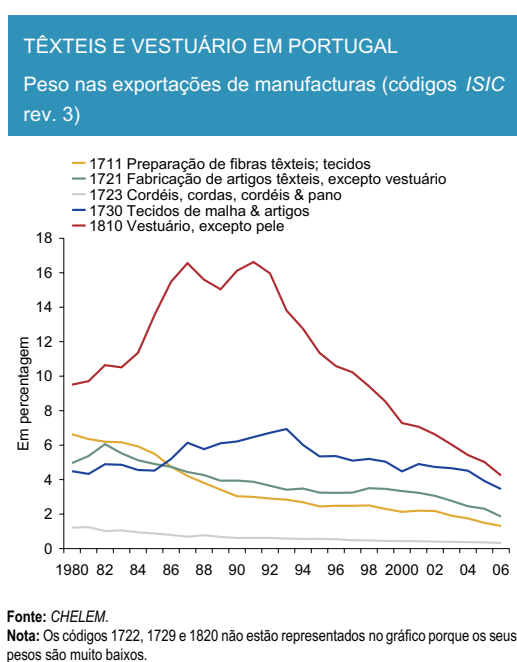
A evolução destes sectores no que respeita ao emprego por conta de outrém é semelhante à observada em termos do VAB. No início dos anos oitenta o peso dos têxteis no número de empregados era mais do dobro do registado no vestuário mas esta relação inverteu-se nos anos recentes. O peso dos empregados que trabalhavam no vestuário aumentou até 1991 mas reduziu-se para 3.1 por cento em 2006. A importância do sector têxtil no total do emprego reduziu-se continuamente desde 1985 para cerca de 2.3 por cento em 2006. Em conjunto os têxteis e vestuário diminuíram de 11.6 por cento do total de empregados em 1982 para 5.4 por cento em 2006.

O número de empresas (com um ou mais empregados) e estabelecimentos cuja actividade principal foi classificada nos sectores dos têxteis e vestuário (CAE 321 e 322 na rev.1, CAE 17 e 18 na rev.2 e 2.1, respectivamente) era semelhante no início dos anos oitenta, ou seja cerca de 2000 empresas. O número de empresas e estabelecimentos aumentou até ao ano 2000, mas a uma taxa muito superior na indústria do vestuário. Nesse ano, o número de empresas classificadas no sector do vestuário era de 6.697, mais de três vezes o número de empresas existentes duas décadas antes. De 2000 a 2006, o número de empresas e estabelecimentos diminuiu cerca de 1000 unidades no sector do vestuário e manteve-se relativamente estável na indústria têxtil. A diferente evolução do número de empresas quando comparada com os pesos no VAB e emprego é explicada pelo facto de aquela ser uma medida absoluta e de, como será referido na subsecção 4.3, terem ocorrido alterações na distribuição das empresas em termos de dimensão.

A evolução do peso destes sectores em termos de exportações de manufacturas assemelha-se à evolução dos seus pesos no VAB e no número total de empregados. O peso das exportações de têxteis diminuiu de 19 por cento em 1982 para 8 por cento em 2006 e o valor percentual das exportações de vestuário aumentou de 11 por cento em 1982 para 16 por cento em 1992, diminuindo posteriormente para 4 por cento em 2006. Deste modo, a indústria do vestuário representa presentemente uma maior parcela do emprego total e do número de empresas que a indústria têxtil, verificando-se o inverso no que respeita ao VAB e às exportações. Tomados em conjunto, o peso dos sectores dos têxteis e vestuário no total das exportações de manufacturas diminuiu de 30 por cento, em 1980, para 12 por cento, em 2006.

A decomposição das exportações de têxteis e vestuário de acordo com os códigos da *ISIC rev. 3* a 4 dígitos revela que a maior componente tem sido o “vestuário, excepto pele” (*ISIC 1810*), que atingiu 16 por cento das exportações totais de manufacturas no início dos anos noventa (Gráfico 2). No en-

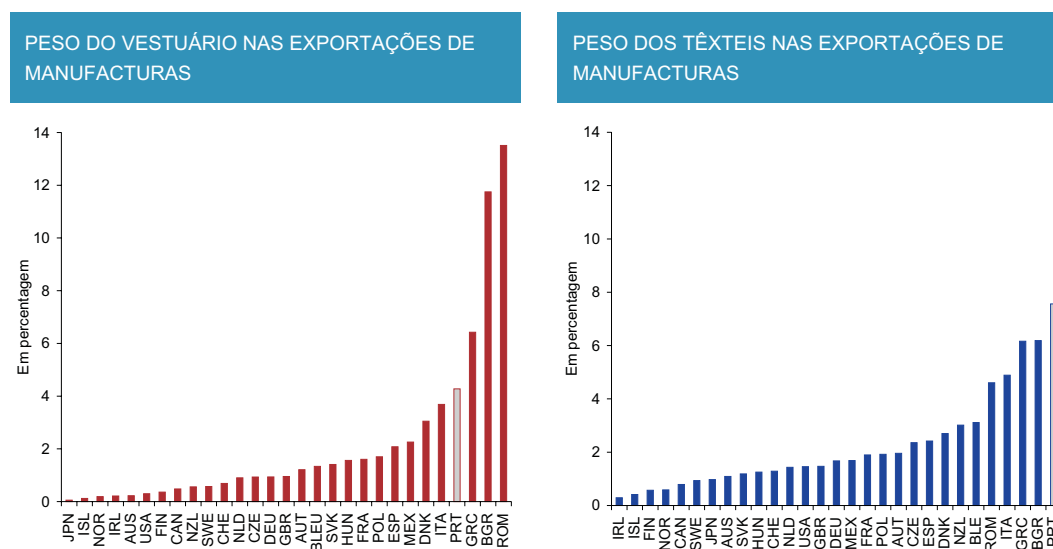
Gráfico 2



tanto, de 1992 em diante, a sua quota nas exportações diminuiu acentuadamente para 4 por cento em 2006, um valor próximo da segunda maior e mais estável rubrica dos “tecidos de malha & artigos” (ISIC 1730). A relevância de cada produto nas exportações portuguesas de têxteis e vestuário será detalhada na Secção 4, embora utilizando um sistema de classificação diferente.

A comparação do peso dos têxteis e vestuário no total das exportações de manufacturas relativamente a vários países europeus e da OCDE reforça a ideia de que, apesar do declínio, estes sectores são ainda relativamente importantes em Portugal. O Gráfico 3 mostra que em 2006 o sector têxtil português apresenta o maior peso no conjunto dos países considerados. Quanto ao sector do vestuário apenas três países – a Grécia, e em particular, a Bulgária e a Roménia – apresentam pesos na exportação superiores aos de Portugal.

Gráfico 3



Fonte: CHELEM.

## 4. ANÁLISE COM BASE EM DADOS DE EMPRESA (1996-2005)

### 4.1. Um retrato dos exportadores de têxteis e vestuário

Nesta secção descrevem-se os sectores dos têxteis e vestuário em Portugal recorrendo a dados de empresa. Na primeira parte adopta-se uma perspectiva centrada no produto e baseada na nomenclatura *HS*, utilizada nos dados de comércio. Na segunda parte da secção o enfoque é na natureza da empresa, distinguindo em particular entre produtores e distribuidores com base no código da CAE existente nos “Quadros de Pessoal”. O Quadro 1 lista os 14 capítulos da nomenclatura *HS* 2002 que estão relacionados com a secção XI “Têxteis e artigos têxteis”. Para cada capítulo apresentam-se também, entre parêntesis, o número de sub-rúbricas (ao nível de 6 dígitos) para as quais houve exportações portuguesas em 2005. Note-se que, em termos de terminologia, associamos capítulos da

nomenclatura a “indústrias” e sub-rúbricas a “produtos”. O Quadro mostra que as empresas portuguesas exportam produtos pertencentes a todas as 14 indústrias de “Têxteis e artigos têxteis”. Os maiores números de produtos exportados pertencem aos capítulos “52, algodão” (125 produtos), “55, fibras sintéticas ou artificiais descontínuas” (104 produtos), “61, vestuário e seus acessórios de malha” (113 produtos) e “62, vestuário e seus acessórios, excepto malha” (118 produtos). No apêndice descrevemos em maior detalhe o nível de desagregação associado a cada nível de classificação.

O Quadro 2 reporta alguns indicadores da importância relativa destas indústrias. A segunda coluna mostra o peso de cada uma no total das exportações de têxteis e vestuário. As três indústrias mais importantes são “61, vestuário e seus acessórios de malha”, “62, vestuário e seus acessórios, excepto malha” e “63, outros artefactos têxteis confeccionados; sortidos; artefactos de matérias têxteis, calçado, chapéus e artefactos de uso semelhante”, representando respectivamente cerca de 42, 21 e 16 por cento do total de exportações de têxteis e artigos têxteis em 2005. Estas três indústrias sempre apresentaram os maiores pesos desde 1996. Nesse ano, o valor relativo do capítulo “62, vestuário e seus acessórios, excepto malha”, era de cerca de 30 por cento, muito superior ao peso actual, caindo continuamente até 2002 e mantendo-se constante posteriormente. Por seu lado o peso dos produtos “vestuário e seus acessórios de malha” manteve-se estável a um nível inferior a 40 por cento até 2002 e aumentou nos últimos três anos da amostra. A terceira indústria permaneceu estável ao longo do período da amostra com um peso em volta de 15 por cento.

### Quadro 1

#### INDÚSTRIAS SEGUNDO A NOMENCLATURA HS E NÚMERO DE PRODUTOS EXPORTADOS EM 2005

Códigos HS a 2 dígitos	Descrição	Nº códigos a 6 dígitos
50	Seda	5
51	Lã, pêlos finos ou grosseiros; fios e tecidos de crina	27
52	Algodão	125
53	Outras fibras têxteis vegetais; fios de papel e tecidos de fios de papel	18
54	Filamentos sintéticos ou artificiais; lâminas e formas semelhantes de matérias têxteis sintéticas ou artificiais	63
55	Fibras sintéticas ou artificiais descontínuas	104
56	Pastas, feltros e falsos tecidos; fios especiais, cordéis, cordas e cabos; artigos de cordoaria	32
57	Tapetes e outros revestimentos para pavimentos, de matérias têxteis	22
58	Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados	38
59	Tecidos impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados, artigos para usos técnicos de matérias têxteis	18
60	Tecidos de malha	18
61	Vestuário e seus acessórios de malha	113
62	Vestuário e seus acessórios, excepto malha	118
63	Outros artefactos têxteis confeccionados; sortidos; artefactos de matérias têxteis, calçado, chapéus e artefactos de uso semelhante	53

Fonte: Dados de comércio do INE. Classificação: Nomenclatura HS 1996 e 2002, correspondência dos autores.



## Quadro 2

ESTATÍSTICAS RESUMO, POR INDÚSTRIA A 2 DÍGITOS DA NOMENCLATURA HS, 2005						
Indústria	% Exportações de T&V	Nº empresas	% exportadores da indústria	% exportadores especializados	Nº destinos por empresa	Nº produtos por empresa
50	0.02	28	0.25	0.18	1.4	1.3
51	2.15	106	0.27	0.23	4.1	3.2
52	4.07	407	0.34	0.26	3.1	4.3
53	0.1	94	0.17	0.00	2.0	1.3
54	1.48	288	0.3	0.18	2.1	1.8
55	3.53	281	0.35	0.21	2.8	2.6
56	3.56	279	0.55	0.14	2.4	1.7
57	1.61	310	0.56	0.23	1.7	1.6
58	1.39	425	0.26	0.15	2.2	1.6
59	2.27	226	0.56	0.11	2.2	1.4
60	1.13	268	0.21	0.17	1.9	1.7
61	41.73	1 734	0.77	0.66	3.2	5.7
62	21.24	1 362	0.63	0.50	2.4	7.1
63	15.72	1 098	0.69	0.38	2.6	2.9
Total/média	100	6 906	0.42	0.24	2.4	2.7

Fonte: Dados de comércio do INE. Classificação: Nomenclatura HS 1996 e 2002, correspondência dos autores.

Notas: A segunda coluna mostra o peso das exportações da indústria no total das exportações dos sectores têxteis e vestuário; a terceira coluna reporta o número de empresas que exporta pelo menos um produto no sector a 2 dígitos correspondente; a quarta coluna mostra a percentagem de empresas (da coluna três) cujas exportações, no sector a 2 dígitos correspondente, representa pelo menos 30 por cento das exportações da empresa de têxteis e vestuário (exportadores da indústria); a quinta coluna mostra a percentagem de empresas (da coluna três) cujas exportações no sector a 2 dígitos representa pelo menos 30 por cento das exportações totais da empresa (exportadores especializados); a sexta coluna reporta o número médio de destinos abrangidos pelas indústrias centrais em cada sector a 2 dígitos; de forma semelhante, a coluna sete mostra o número médio de produtos exportados. A última linha reporta os totais para as colunas um e dois e as médias para as restantes.

A coluna três do Quadro 2 lista, por indústria, o número de empresas que exportam pelo menos um produto naquela indústria. Algumas destas empresas poderão estar a exportar um leque diversificado de produtos têxteis, abrangendo mais do que uma indústria enquanto outras poderão exportar produtos têxteis que pertencem a apenas uma indústria. Designamos “exportadores da indústria” (veja-se coluna quatro do Quadro 2) as empresas cujas exportações de produtos pertencendo à indústria representam mais de 30 por cento das suas exportações totais de têxteis e vestuário. Estas são empresas cujas *exportações de têxteis* estão consideravelmente concentradas na indústria estudada. Designamos “exportadores especializados” as empresas cujas exportações de produtos pertencendo à indústria estudada representam mais de 30 por cento das suas *exportações totais*. Estas são empresas cujas exportações totais estão consideravelmente concentradas nessa indústria têxtil específica. A coluna cinco do Quadro 2 mostra que enquanto a maioria das empresas exportadoras de produtos pertencendo às duas principais indústrias (61 e 62) são “exportadores especializados”, no conjunto das indústrias têxteis e vestuário apenas cerca de um quarto das empresas tem esse estatuto. Finalmente, as colunas seis e sete do Quadro 2 mostram que em 2005 as empresas exportam em média 2.7 produtos para 2.4 destinos.

O Quadro 3 apresenta os cinco principais mercados de destino das exportações para cada indústria e, entre parêntesis, o peso das exportações da indústria para cada destino. Os principais mercados de exportação dos têxteis e vestuário (especialmente quando consideradas as três principais indústrias

exportadoras 61, 62 e 63) correspondem globalmente aos principais mercados de destino do conjunto das exportações portuguesas: Espanha, Alemanha, França, Reino Unido e EUA.

A anterior análise baseada nos produtos é complementada com alguma informação sobre a natureza das empresas. Existe uma diferença entre o conjunto das empresas que reportam exportações de têxteis e vestuário e aquelas onde tais produções representam a actividade principal, tal como definido pela sua CAE. O Quadro 4 apresenta a decomposição dos exportadores de têxteis e vestuário de acordo com a sua CAE em 1996, 1999, 2002 e 2005. O aspecto relevante a realçar é o de que, neste período, mais de 20 por cento dos exportadores de têxteis e vestuário são empresas cuja actividade principal é comércio a retalho ou por grosso, representando perto de 10 por cento do total das exportações destes produtos. Isto é compreensível uma vez que muitas empresas recorrem a agentes comerciais para exportar e, em alguns casos, as exportações podem ser reexportações de produtos fabricados em países terceiros. Adicionalmente, outros 20 por cento de exportadores de têxteis e vestuário são empresas cuja actividade principal não está relacionada com tais produtos nem com o comércio a retalho ou por grosso. No entanto, as exportações realizadas por este grupo de empresas representam uma pequena parcela das exportações de têxteis e vestuário.

#### 4.2. Participação nos mercados exportadores e intensidade exportadora

O Quadro 5 apresenta a fracção das empresas exportadoras relativamente ao total de empresas cuja actividade principal se relaciona com têxteis e vestuário. As últimas foram identificadas pela CAE existente nos “Quadros de Pessoal” enquanto as primeiras foram identificadas utilizando a base de dados de empresas do comércio internacional. Os dados revelam que a proporção de exportadores é

#### Quadro 3

CINCO PRINCIPAIS DESTINOS, POR INDÚSTRIA A 2 DÍGITOS, 2005					
	Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto	Quinto
50	Espanha (65.4)	Alemanha (17.1)	Angola (3.7)	Índia (3.2)	Hong Kong (2.2)
51	Alemanha (42.8)	Espanha (16.1)	Reino Unido (9.4)	Suécia (4.9)	França (4.5)
52	Espanha (20.4)	Itália (12.7)	França (10.5)	Alemanha (10.3)	EUA (3.8)
53	Espanha (21.1)	Países Baixos (16.2)	Itália (15.2)	Cabo Verde (10.1)	Alemanha (4.2)
54	Espanha (30.1)	Alemanha (12.7)	França (12.4)	Reino Unido (5.9)	Países Baixos (4.4)
55	Alemanha (20.2)	Itália (15.5)	Espanha (12.7)	França (8.0)	Reino Unido (6.0)
56	Espanha (16.1)	França (13.9)	Países Baixos (11.6)	Reino Unido (8.9)	Alemanha (7.3)
57	Reino Unido (35.5)	EUA (17.5)	Alemanha (11.2)	Espanha (9.4)	França (6.8)
58	Espanha (25.7)	Rep. Checa (11.4)	Reino Unido (8.3)	França (7.6)	Suécia (6.9)
59	Alemanha (39.4)	Espanha (13.9)	França (5.7)	Rep. Checa (4.2)	Bélgica+Luxemburgo (4.1)
60	Espanha (25.7)	França (16.1)	Finlândia (9.8)	Bélgica+Luxemburgo (8.2)	Reino Unido (7.5)
61	Espanha (27.1)	França (15.5)	Reino Unido (15.4)	Alemanha (12.2)	Itália (5.6)
62	Espanha (36.5)	Reino Unido (16.4)	França (13.4)	Alemanha (6.3)	Itália (3.4)
63	EUA (25.2)	Espanha (16.8)	Reino Unido (13.9)	França (13.6)	Alemanha (5.3)

Fonte: Dados de comércio do INE. Classificação: Nomenclatura HS 1996 e 2002, correspondência dos autores.

## Quadro 4

### DISTRIBUIÇÃO DOS EXPORTADORES DE TÊXTEIS E VESTUÁRIO DE ACORDO COM A ACTIVIDADE PRINCIPAL (CAE)

Indústria	Código	CAE	1996			1999			2002			2005		
			Nº empresas	% empresas	% total de exportações	Nº empresas	% de empresas	% total de exportações	Nº empresas	% empresas	% total de exportações	Nº empresas	% empresas	% total de exportações
<b>Têxteis</b>														
Indústrias têxteis	321	CAE rev. 1	619	24.3	44.8									
Preparação e fiação de fibras têxteis	171	CAE rev. 2				57	2.0	4.3	46	1.6	2.1	30	0.9	2.1
Tecelagem de têxteis	172	CAE rev. 2				91	3.2	12.1	83	2.9	12.7	100	3.2	12.8
Acabamento de têxteis	173	CAE rev. 2				26	0.9	1.3	17	0.6	1.6	26	0.8	1.4
Fabricação de artigos têxteis confeccionados, excepto vestuário	174	CAE rev. 2				92	3.3	7.1	84	2.9	5.9	115	3.6	7.5
Outras indústrias têxteis	175	CAE rev. 2				127	4.5	7.2	131	4.5	8.7	131	4.1	9.8
Fabricação de tecidos de malha	176	CAE rev. 2				63	2.2	3.6	54	1.9	2.4	66	2.1	4.5
Fabricação de artigos de malha	177	CAE rev. 2				223	7.9	9.1	191	6.6	8.7	213	6.7	11.1
<b>Vestuário</b>														
Fabricação de artigos de vestuário, c/exc. do calçado	322	CAE rev. 1	774	30.4	39.8									
Confeção de artigos de vestuário em couro	181	CAE rev. 2				6	0.2	0.0	6	0.2	0.0	6	0.2	0.0
Confeção de outros artigos e acessórios de vestuário	182	CAE rev. 2				946	33.6	41.3	855	29.5	41.2	820	25.8	38.1
Preparação, tingimento e fabricação de artigos de peles com pêlo	183	CAE rev. 2				3	0.1	0.2	2	0.1	0.4	3	0.1	0.3
<b>Retalhistas</b>														
Comércio a retalho	610	CAE rev. 1	437	17.2	7.7									
Comércio a retalho de outros produtos novos em estabelecimentos especializados	524	CAE rev. 2				188	6.7	1.6	220	7.6	0.6	234	7.4	0.6
<b>Grossistas</b>														
Comércio por grosso	620	CAE rev. 1	180	7.1	2.0									
Agentes do comércio por grosso	511	CAE rev. 2				67	2.4	0.7	80	2.8	1.7	141	4.4	2.4
Comércio por grosso de bens de consumo, excepto alimentares, bebidas e tabaco	514	CAE rev. 2				328	11.7	7.2	400	13.8	7.3	448	14.1	7.6
Comércio por grosso n.e.	519/517	CAE rev. 2/2.1				88	3.1	0.4	110	3.8	0.3	109	3.4	0.3
<b>Outros sectores</b>														
			537	21.1	5.7	511	18.1	3.8	616	21.3	6.4	733	23.1	1.6
<b>Total</b>			<b>2 547</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>2 816</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>2 895</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>3 175</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>

Fontes: Dados de comércio do INE e Quadros de Pessoal. Classificação: CAE rev. 1, rev. 2.1 e rev. 2.2.

## Quadro 5

## PESO DOS EXPORTADORES NO TOTAL DAS EMPRESAS SEGUNDO A ACTIVIDADE PRINCIPAL (CAE)

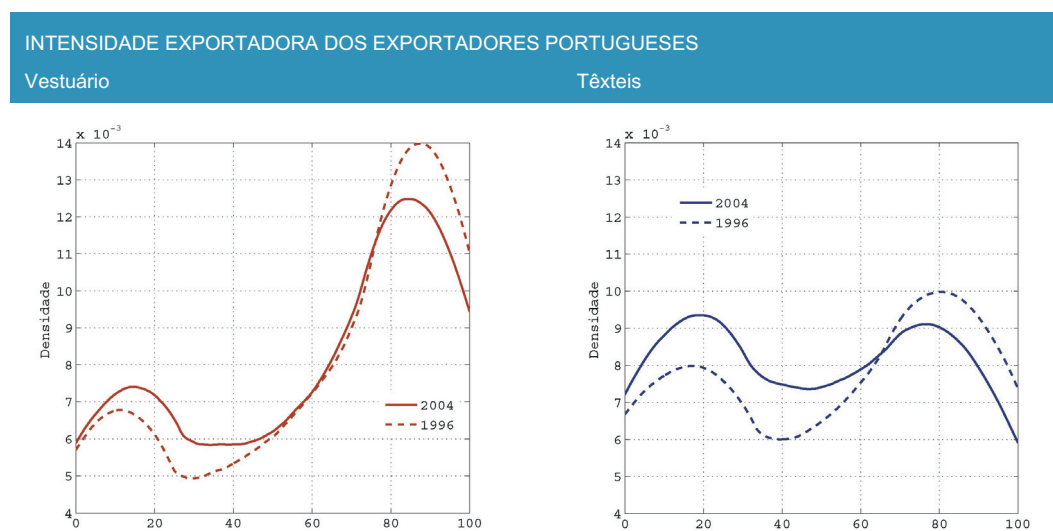
Indústria	Código	CAE	Percentagem de exportadores no total de produtores			
			1996	1999	2002	2005
<b>Têxteis</b>						
Indústrias têxteis	321	CAE rev. 1	29.5			
Preparação e fiação de fibras têxteis	171	CAE rev. 2		25.9	29.3	30.6
Tecelagem de têxteis	172	CAE rev. 2		37.4	42.3	43.7
Acabamento de têxteis	173	CAE rev. 2		9.6	6.2	8.8
Fabricação de artigos têxteis confeccionados, excepto vestuário	174	CAE rev. 2		21.1	16.6	18.6
Outras indústrias têxteis	175	CAE rev. 2		14.8	15.8	15.6
Fabricação de tecidos de malha	176	CAE rev. 2		23.0	20.0	25.9
Fabricação de artigos de malha	177	CAE rev. 2		32.1	29.3	34
<b>Vestuário</b>						
Fabricação de artigos de vestuário, c/exc. do calçado	322	CAE rev. 1	20.4			
Confecção de artigos de vestuário em couro	181	CAE rev. 2		12.5	10.3	11.5
Confecção de outros artigos e acessórios de vestuário	182	CAE rev. 2		14.8	14.1	14.5
Preparação, tingimento e fabricação de artigos de peles com pêlo	183	CAE rev. 2		11.1	5.6	11.1
<b>Retalhistas</b>						
Comércio a retalho	610	CAE rev. 1	3.3			
Comércio a retalho de outros produtos novos em estabelecimentos especializados	524	CAE rev. 2		0.7	0.7	0.7
<b>Grossistas</b>						
Comércio por grosso	620	CAE rev. 1	0.5			
Agentes do comércio por grosso	511	CAE rev. 2		4.5	4.7	5.1
Comércio por grosso de bens de consumo, excepto alimentares, bebidas e tabaco	514	CAE rev. 2		6.5	6.7	6.3
Comércio por grosso n.e.	519/517	CAE rev. 2/2.1		5.0	4.9	4.7

Fontes: Dados de comércio do INE e Quadros de Pessoal. Classificação: CAE rev. 1, rev. 2.1 e rev. 2.2.

relativamente baixa<sup>7</sup>. As indústrias de “tecelagem de têxteis” e “fabricação de artigos de malha” apresentam as maiores proporções de exportadores com valores próximos de 40 e 30 por cento, respectivamente nos anos de 1999, 2002 e 2005. Em geral, baixas proporções de exportadores não significam necessariamente que apenas uma minoria de empresas contribua para o valor das exportações de têxteis e vestuário. Muitas empresas podem produzir bens intermédios que são posteriormente incorporados noutras indústrias nacionais (incluindo naturalmente têxteis e vestuário), cujos bens finais são exportados. Adicionalmente, algumas empresas podem recorrer a agentes comerciais para exportar, enquanto outras podem ser subsidiárias e fornecedoras de empresas exportadoras.

Os exportadores são bastante heterogéneos em termos da parcela de produção vendida nos mercados externos<sup>8</sup>. O Gráfico 4 apresenta as densidades de kernel (Epanechnikov) estimadas para a intensidade exportadora (o rácio entre as exportações da empresa e as vendas totais) em 1996 e 2004 para os produtores de têxteis e vestuário<sup>9</sup>. A forma da densidade da intensidade exportadora é semelhante nos dois sectores. Em ambos os sectores a função densidade é bimodal. No sector do vestuário uma parcela importante da densidade está associada a intensidades exportadoras entre 60 e 100 por cento, significando que muitas empresas estão fortemente orientadas para a exportação. No entanto, de 1996 para 2004, a distribuição deslocou-se claramente para a esquerda, significando um aumento do peso das empresas com baixa intensidade exportadora. Também no sector dos têxteis uma parcela elevada da densidade está associada a empresas com alta intensidade exportadora, embora menos do que no vestuário. No entanto, em 2004, relativamente mais empresas apresentam baixas

Gráfico 4



Fonte: Cálculos dos autores.

Nota: Nestas (e nas seguintes) distribuições de kernel estimadas, o integral é inferior a um pois o método atribui alguma densidade a valores fora do intervalo relevante apresentado na figura. Os resultados gerais não são qualitativamente afectados pela utilização desta metodologia.

(7) Outros estudos (por exemplo, Bernard *et al.* (2003)) mostraram que a proporção de empresas exportadoras é geralmente baixa.

(8) Veja-se, entre outros, Bernard *et al.* (2003).

(9) Uma densidade de kernel estimada é um método para ajustar funções de densidade de probabilidade a valores observados. Nos “Quadros de Pessoal” as vendas totais das empresas reportam-se ao ano anterior, pelo que o último ano disponível na nossa amostra é 2004.

intensidades exportadoras. Globalmente, as distribuições revelam que, tanto nos têxteis como no vestuário, existe maior densidade nas intensidades exportadoras mais baixas em 2004 relativamente a 1996.

#### 4.3. A dimensão dos produtores e os valores unitários das exportações

Nesta subsecção mantem-se a ênfase nos exportadores cuja principal actividade é a produção de têxteis e vestuário. O objectivo é identificar possíveis alterações na estrutura dos sectores, examinando alterações na forma das densidades de kernel estimadas e nos histogramas da dimensão das empresas. Concentramo-nos em três definições de dimensão, nomeadamente vendas totais, número de produtos exportados (identificado como o número de rubricas da nomenclatura *HS* a 6 dígitos cobertas) e número de mercados de destino. Seguidamente analisamos alterações na distribuição dos valores unitários relativos ponderados dos produtos exportados, de forma a conhecer algo sobre os preços dos produtos exportados pelas empresas portuguesas.

O Gráfico 5 mostra que as distribuições dos exportadores de acordo com o valor das vendas totais (vendas internas mais exportações) apresentam uma forte assimetria positiva tanto nos têxteis como no vestuário, revelando um número significativo de empresas com um baixo volume de vendas. Ajustando pela inflação de forma a tornar os valores nominais comparáveis, a assimetria no sentido das empresas de menor dimensão parece ter-se acentuado de 1995 para 2004. Este Gráfico é compatível com a informação anterior se recordarmos que o número total de empresas nos têxteis e no vestuário estabilizou de 1995 a 2004, enquanto a dimensão relativa do sector na economia diminuiu.

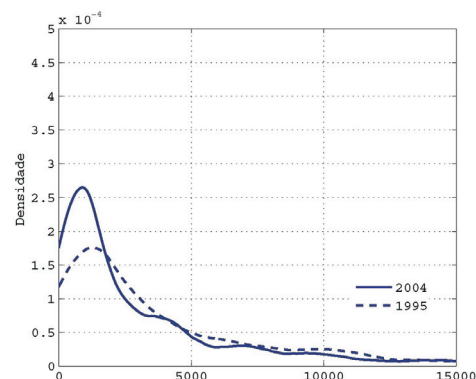
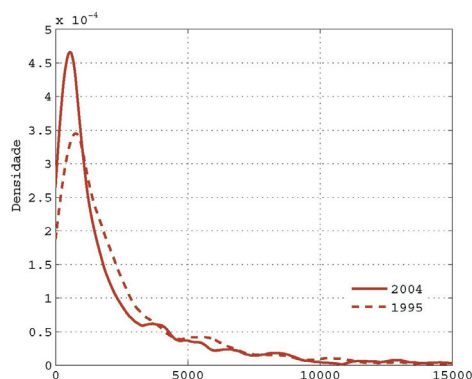
A distribuição das empresas de acordo com o número de produtos exportados e destinos servidos também revela uma redução do leque de actividades das empresas de têxteis e vestuário (Gráficos 6

**Gráfico 5**

DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTORES DE ACORDO COM AS VENDAS TOTAIS (MILHARES DE EUROS DE 2004)

Vestuário

Têxteis



Fonte: Cálculos dos autores.

e 7). Tanto nos têxteis como no vestuário a larga maioria das empresas exporta menos de 10 produtos diferentes, embora nos têxteis esta proporção seja relativamente maior. De 1996 a 2005 as distribuições revelam uma ligeira redução no número de produtos exportados.

No que respeita ao número de destinos servidos, a maior parte das empresas de têxteis e vestuário opera em menos de 10 mercados externos, embora no sector têxtil pareça haver uma maior variedade de destinos servidos (veja-se Gráfico 7). Da mesma forma, de 1996 para 2005, as distribuições tornaram-se mais concentradas em baixos números de destinos.

Gráfico 6

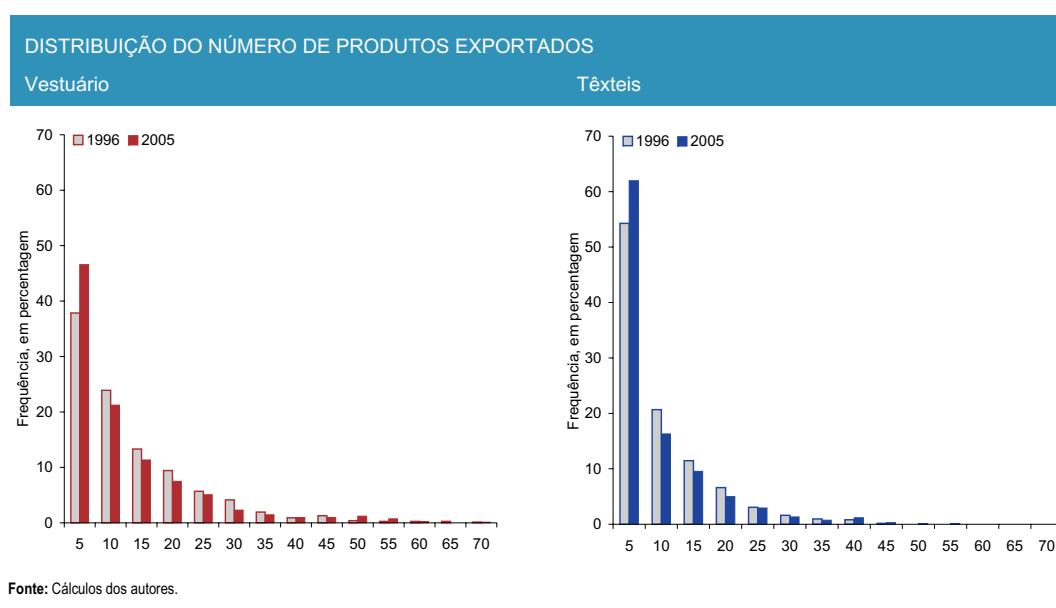
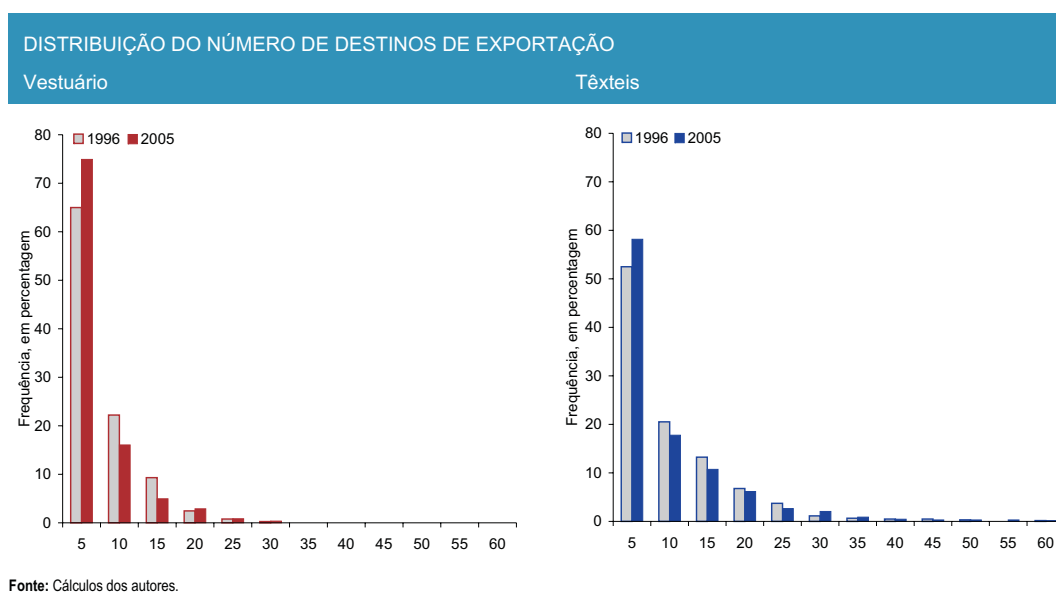


Gráfico 7



No que diz respeito à evolução dos valores unitários dos bens exportados, pretende-se comparar os valores unitários dos produtos exportados pelas empresas portuguesas com os valores unitários dos mesmos produtos exportados (para os mesmos destinos) pelos seus concorrentes. Para este efeito, utilizando a base de dados *CEPII-BACI*, calcula-se para cada produto têxtil e de vestuário a 6 dígitos da nomenclatura *HS* o valor unitário médio de importação em cada um dos cinco maiores parceiros comerciais de Portugal em 1996 e 2004. Este cálculo requer a identificação do valor unitário médio de cada produto importado pela Espanha, Alemanha, França, Reino Unido e Estados Unidos da América (considerando os vários países exportadores no mundo, excepto Portugal). Seguidamente, este valor unitário (*FOB*) de importação ponderado é comparado com o correspondente valor unitário (*FOB*) de exportação do produto português. Finalmente, para cada produto, é calculada a média do valor unitário em cada um dos cinco parceiros considerados, ponderando com base nos seus pesos nas exportações portuguesas de têxteis e vestuário.

Veja-se agora a formalização do procedimento utilizado para construir este preço relativo. Considere-se a exportação do produto  $k$  pelo país  $i$  para o destino  $j$  no ano  $t$ . Seja  $u_{ij}(k, t)$  o valor unitário médio cobrado nesta troca comercial. Considere-se  $w_{ij}(i, k, t)$  o peso do país  $i$  nas importações totais do produto  $k$  feitas pelo país  $j$  no ano  $t$  e seja  $w_{E,PT}(j, k, t)$  o peso do país  $j$  nas exportações do produto  $k$  feitas por Portugal no ano  $t$ . O valor unitário ponderado do produto  $k$  importado no mercado  $j$  em  $t$ , excluindo Portugal é:

$$u_j(k, t) = \sum_{i \neq PT} [u_{ij}(k, t) \cdot w_{ij}(i, k, t)] \quad (1)$$

onde  $j \in J \equiv \{ES, DE, FR, UK, US\}$ . O segundo passo consiste em dividir o valor unitário cobrado pelos exportadores portugueses por produto  $k$  para o destino  $j$ ,  $u_{PTj}(k, t)$ , pelo preço médio no destino  $j$ , tal como definido acima, e calcular a média ponderada para os cinco principais parceiros referenciados:

$$u(k, t) = \sum_{j \in J} \left[ \frac{u_{PTj}(k, t)}{u_j(k, t)} \right] \cdot w_{E,PT}(j, k, t). \quad (2)$$

O Gráfico 8 mostra a distribuição (na dimensão  $k$ ) do índice de valores unitários relativos  $u(k, t)$ , na equação anterior, para  $t = 1996$  e  $t = 2004$ . Em ambos os anos a moda da distribuição está em torno de um tanto nos têxteis como no vestuário, o que significa que o valor unitário das exportações portuguesas está geralmente próximo do valor unitário dos seus concorrentes. No entanto, de 1996 para 2004 parece ter ocorrido uma deslocação para valores unitários relativos mais altos, especialmente no sector do vestuário. É reconhecido que os valores unitários são afectados por problemas estatísticos e de medida, podendo não ser bons indicadores da qualidade dos produtos. Deste modo, duas interpretações opostas podem ser feitas. Por um lado a deslocação da distribuição pode reflectir acrescida concorrência enfrentada pelos exportadores nacionais de têxteis e vestuário por parte de países terceiros com preços mais baixos. Por outro lado esta deslocação pode reflectir um real aumento do nível tecnológico ou qualidade dos produtos exportados pelas empresas portuguesas.



Gráfico 8



Fonte: Cálculos dos autores.

#### 4.4. As dimensões produto e destino das empresas exportadoras

Esta secção procura estudar como a dinâmica das exportações de têxteis e vestuário é afectada pelas decisões das empresas em termos de entrada e saída dos mercados de exportação, ou em termos de onde e que produtos exportar. Em primeiro lugar, analisa-se a decisão de entrada/saída. Adoptando uma abordagem típica da literatura da economia industrial e recentemente partilhada pela literatura do comércio internacional, compara-se o número e exportação média das empresas com diferentes percursos em termos de exportação. Em segundo lugar estende-se a análise às dimensões destino e produto e mostra-se como elas interagem com a margem de entrada/saída, conduzindo a alterações nas taxas de variação anual das exportações de têxteis e vestuário.

No que diz respeito à demografia das empresas nos sectores dos têxteis e vestuário, decompõe-se o número total de exportadores em cada ano naqueles que permanecem, saem, entram ou permanecem apenas um ano no mercado. Seguidamente definimos estas categorias tal com em Eaton *et al.* (2007). As empresas consideradas como entrando no ano  $t$  são aquelas que não exportaram em  $t - 1$ , exportaram em  $t$  e exportarão em  $t + 1$ ; as que saem no ano  $t$  são aquelas que exportaram em  $t - 1$ , exportam em  $t$  mas não exportarão em  $t + 1$ ; as que permanecem no ano  $t$  são as que exportaram em  $t - 1$ , exportam em  $t$  e exportarão em  $t + 1$  e, finalmente, as que permanecem apenas no ano  $t$  são aquelas que não exportaram em  $t - 1$ , exportam em  $t$  mas não exportarão em  $t + 1$ . O painel superior do Quadro 6 mostra o número de empresas em cada categoria ao longo do tempo e o painel inferior mostra as respectivas exportações médias.

Os resultados mostram que mais de dois terços das empresas exportadoras pertencem à categoria das que permanecem, as que permanecem apenas um ano representam menos de 10 por cento do total e o número das que entram e saem é ligeiramente superior a 10 por cento do total. Os exportado-

res que permanecem representam cerca de 90 por cento das exportações totais nos sectores têxteis e do vestuário. Em contraste com o que acontece no conjunto da economia (veja-se Amador e Opromolla (2008)), existem relativamente menos exportadores que permanecem apenas um ano mas a dimensão relativa das suas exportações é maior, especialmente no sector do vestuário, onde existe uma clara tendência de subida (representaram 20 por cento do total das exportações em 2004). Nestes sectores, tal como no conjunto da economia, os exportadores que entram e saem são em média menores que os incumbentes em termos de exportação por empresa<sup>10</sup>.

Na parte remanescente desta Secção estuda-se em maior detalhe a evolução das exportações de têxteis e vestuário ao longo do tempo, considerando as margens empresa, destino e produto. Na Secção 3, o painel (d) do Gráfico 1 mostra a evolução das exportações de têxteis e vestuário em percentagem do total das exportações de manufacturas. A parcela do vestuário tem vindo a diminuir continuamente desde 1992, enquanto o peso dos têxteis permaneceu relativamente estável de 1994 a 2001, reduzindo-se então acentuadamente. A segunda coluna do painel (a) do Quadro 7 revela que a queda nas exportações de produtos de vestuário em proporção das exportações portuguesas de manufacturas se deve, em parte, a uma efectiva redução do nível das suas exportações. Com efeito, o valor das exportações destes produtos tem vindo a reduzir-se a taxas progressivamente mais elevadas no período 1997-2005. A segunda coluna do painel (b) do Quadro 7 mostra que o peso das exportações de têxteis nas exportações de manufacturas foi relativamente estável no período 1997-2002 devido a uma efectivo aumento das exportações de produtos têxteis. A diminuição que ocorre posteriormente é devida, em parte, a uma efectiva redução das exportações desses produtos. Nas restantes

#### Quadro 6

EXPORTADORES QUE PERMANECEM, ENTRAM, SAEM OU ESTÃO PRESENTES APENAS NO ANO									
Vestuário					Têxteis				
Ano	Permanência	Saída	Entrada	Apenas no ano	Ano	Permanência	Saída	Entrada	Apenas no ano
Número de empresas					Número de empresas				
1999	697	91	102	65	1999	481	80	67	51
2002	536	141	114	72	2002	392	87	84	43
2004	578	85	139	56	2004	462	67	111	42
Exportações por empresa (milhares de euros)					Exportações por empresa (milhares de euros)				
1999	2 284	997	1 082	268	1999	3 606	1 633	944	495
2002	2 406	1 577	1 205	816	2002	3 572	2 599	871	637
2004	2 281	612	1 511	1 100	2004	3 684	553	1 619	285

Fontes: Dados de comércio do INE e Quadros de Pessoal. Classificação: CAE rev. 1, rev. 2 and rev. 2.1.

(10) No entanto, a dimensão das empresas que saíram no sector têxtil em 2002 foi bastante elevada.

## Quadro 7

### DECOMPOSIÇÃO DA TAXA DE VARIAÇÃO NOMINAL DAS EXPORTAÇÕES

(a) Agregado e empresas					
Ano	Agregado	Saída+Entrada	Saída	Entrada	Permanência
1997-1999	-1.6	0.4	-1.9	2.2	-1.9
2000-2002	-4.6	-0.4	-2.7	2.3	-4.1
2003-2005	-6.6	1.3	-3.5	4.8	-7.9

(c) Destinos					
Ano	cont. (a)	Aband.+Adic.	Abandonados	Adicionados	Permanecem
1997-1999	-1.9	-0.1	-2.8	2.7	-1.8
2000-2002	-4.1	-0.1	-3.0	2.9	-3.9
2003-2005	-7.9	-1.8	-4.0	2.2	-6.1

(e) Produtos					
Ano	cont. (c)	Aband.+Adic.	Abandonados	Adicionados	Permanecem
1997-1999	-1.8	-0.1	-9.0	9.0	-1.8
2000-2002	-3.9	-0.5	-9.0	8.5	-3.6
2003-2005	-6.1	0.0	-9.0	8.9	-6.0

#### Vestuário

(b) Agregado e empresas					
Ano	Agregado	Saída+Entrada	Saída	Entrada	Permanência
1997-1999	7.1	1.4	-1.2	2.6	5.7
2000-2002	5.0	0.8	-1.6	2.4	4.2
2003-2005	-8.9	0.6	-1.9	2.5	-9.4

(d) Destinos					
Ano	cont. (b)	Aband.+Adic.	Abandonados	Adicionados	Permanecem
1997-1999	5.7	0.3	-2.8	3.2	5.3
2000-2002	4.2	0.5	-2.8	3.3	3.7
2003-2005	-9.4	-2.7	-5.5	2.7	-6.7

(f) Produtos					
Ano	cont. (c)	Aband.+Adic.	Abandonados	Adicionados	Permanecem
1997-1999	5.3	0.9	-4.4	5.3	4.5
2000-2002	3.7	0.5	-4.1	4.6	3.2
2003-2005	-6.7	0.0	-4.7	4.7	-6.6

#### Têxteis

Fontes: Dados de comércio do INE. Classificação: Nomenclatura HS 1996 e 2002, correspondência dos autores.

colunas do Quadro 7 decompõe-se a taxa de variação nominal dos têxteis e vestuário em três dimensões: empresas, destinos e produtos. Mais especificamente consideram-se três tipos de decisões para as empresas: a decisão de entrar/sair/permanecer nos mercados de exportação, a decisão sobre para onde exportar e a decisão sobre o que exportar. Começa-se por decompor o crescimento nominal total das exportações nos contributos dos exportadores com “entrada”, “saída” e “permanência”, ou seja as margens intensiva e extensiva ao nível agregado na dimensão empresa (empresas indexadas em  $j$ ):

$$\Delta Y_t = \sum_{j \in N} \Delta Y_{jt} + \sum_{j \in X} \Delta Y_{jt} + \sum_{j \in C} \Delta Y_{jt}, \quad (3)$$

onde  $\Delta Y_t$  é a variação nas exportações do ano  $t - 1$  para o ano  $t$ ,  $N$  é o conjunto de exportadores que entraram,  $X$  é o conjunto dos exportadores que saíram e  $C$  o conjunto dos que permaneceram. O passo seguinte é o de decompor a variação das exportações dos que permanecem em termos de “destinos adicionados” ( $AD$ ), “destinos abandonados” ( $DD$ ) e “destinos que permanecem” ( $CD$ ), ou seja, as margens extensiva e intensiva ao nível da empresa na dimensão destino. Para cada exportador que permanece, o crescimento das exportações pode ser decomposto como:

$$\Delta Y_{jt} = \sum_{z \in AD} \Delta Y_{zjt} + \sum_{z \in DD} \Delta Y_{zjt} + \sum_{z \in CD} \Delta Y_{zjt}, \quad (4)$$

Finalmente, consideram-se os produtos que as empresas escolhem exportar para os destinos que permanecem. Assim, distingue-se entre “produtos adicionados” ( $AP$ ), “produtos abandonados” ( $DP$ ) e “produtos que permanecem” ( $CP$ ) exportados pelas empresas nos “destinos que permanecem”, ou seja; as margens extensiva e intensiva ao nível da empresa na dimensão produto:

$$\Delta Y_{zjt} = \sum_{v \in AP} \Delta Y_{vzjt} + \sum_{v \in DP} \Delta Y_{vzjt} + \sum_{v \in CP} \Delta Y_{vzjt}, \quad (5)$$

Em síntese, pode-se escrever a variação nas exportações portuguesas de têxteis e vestuário como:

$$\begin{aligned} \Delta Y_t = & \sum_{j \in N} \Delta Y_{jt} + \sum_{j \in X} \Delta Y_{jt} + \\ & + \sum_{j \in C} \left\{ \sum_{z \in AD} \Delta Y_{zjt} + \sum_{z \in DD} \Delta Y_{zjt} + \sum_{z \in CD} \left[ \sum_{v \in AP} \Delta Y_{vzjt} + \sum_{v \in DP} \Delta Y_{vzjt} + \sum_{v \in CP} \Delta Y_{vzjt} \right] \right\} \end{aligned} \quad (6)$$

O cálculo da variação percentual é feito dividindo cada termo da equação por  $(Y_t + Y_{t-1})/2$ , *i.e.*, a média das exportações em  $t$  e  $t - 1$ <sup>11</sup>. Este método de decomposição é uma extensão do proposto por Bernard *et al.* (2006). Estes autores decompõem o crescimento real agregado da produção das manufacturas dos EUA entre 1972 e 1997, tendo em conta apenas as margens empresa e produto.

Esta decomposição revela dois resultados principais. O primeiro é que a taxa de crescimento das exportações, tanto nos têxteis como no vestuário, é determinado principalmente por um puro efeito de

(11) Tal como explicado em Eaton *et al.* (2007), o cálculo das taxas de variação entre duas datas utilizando na divisão o nível médio nas duas datas em vez do nível da data inicial tem pelo menos duas vantagens: (i) um crescimento de  $x$  por cento seguido de  $-x$  por cento conduz ao mesmo nível e (ii) valores próximos de zero no primeiro ano têm um efeito menos extremo na taxa de variação.

margem intensiva em termos de empresas, destinos e produtos. Com efeito, a coluna seis dos painéis (a) e (b) do Quadro 7 mostra que as taxas de crescimento das exportações seguem de perto as variações nas vendas ao exterior dos exportadores que “permanecem”. Analogamente, as mesmas colunas dos painéis (c) e (d) mostram que as variações nas vendas dos exportadores que “permanecem” são explicadas principalmente pela variação das vendas nos “destinos que permanecem”. Finalmente, os painéis (e) e (f) mostram que a variação das vendas nos “destinos que permanecem” estão principalmente associadas a variações nas vendas de “produtos que permanecem”. Deste modo, as vendas de “produtos que permanecem”, em “destinos que permanecem” por parte de “empresas que permanecem” são responsáveis pela variação anual das exportações nos sectores têxteis e do vestuário. O segundo resultado é o de que a margem extensiva é, no entanto, importante. Embora o efeito líquido da saída e entrada de empresas, destinos e produtos seja geralmente pequeno, as contribuições brutas são particularmente elevadas, como se pode verificar nas colunas quatro e cinco do Quadro 7. A magnitude da contribuição bruta da saída e entrada de empresas e de destinos adicionados e abandonados é bastante semelhante nos têxteis e no vestuário. No entanto, a contribuição bruta dos produtos adicionados e abandonados é muito mais alta no caso do vestuário. Considerando que a taxa de crescimento nominal agregada das exportações de vestuário é normalmente menor que a taxa correspondente nos têxteis, as contribuições brutas dos produtos adicionados e abandonados são assinalavelmente elevadas. Tal permanece verdade quando se comparam os dados do vestuário com os obtidos a partir de uma decomposição semelhante para o conjunto das exportações portuguesas<sup>12</sup>. Em resumo, o segundo resultado sugere a presença de intensa reafecção de recursos em todas as margens: a escolha de iniciar ou interromper exportações de um produto, a escolha de entrar ou sair de um dado mercado externo ou a escolha global de começar a exportar versus deixar de o fazer. Note-se que, com algumas excepções, o contributo bruto da margem de entrada (tanto de empresas, destinos ou produtos) se tem reduzido ao longo do tempo enquanto o contributo bruto da margem de saída se tem tornado mais negativo. Neste sentido, a margem extensiva também contribuiu para a redução global das exportações de têxteis e vestuário, mesmo que de forma menos substancial do que a margem intensiva.

## 5. CONCLUSÕES

Os sectores dos têxteis e vestuário têm sido sujeitos a choques significativos nas últimas duas décadas, essencialmente relacionados com a acrescida liberalização do comércio internacional. Neste contexto, Portugal tem sido identificado como um dos países da UE mais afectados. Uma análise agregada dos principais indicadores nas últimas duas décadas revela que a importância relativa destes sectores tem vindo a diminuir na economia portuguesa. Embora tenha ocorrido uma expansão do sector do vestuário até meados dos anos noventa, seguiu-se um forte declínio até ao presente. Pelo seu lado o sector dos têxteis apresentou um declínio progressivo desde os anos oitenta.

(12) Veja-se Amador e Opromolla (2008).

A estrutura dos sectores dos têxteis e do vestuário em Portugal é baseada em pequenas e médias empresas, a parcela de exportadores é relativamente pequena e apresentam no seu conjunto uma intensidade exportadora média. A análise dos dados de empresa revela alguma redução na sua dimensão média de 1996 para 2005. Esta redução é visível em várias dimensões, nomeadamente vendas, número de produtos e número de destinos servidos.

No que respeita aos valores unitários dos produtos exportados, considerando os cinco principais mercados de destino das exportações portuguesas de têxteis e vestuário em 1996 e 2004, observamos um aumento na proporção de produtos nacionais cujo valor unitário de exportação é maior do que o correspondente valor unitário médio de importação nos mercados referidos. Tal ocorre especialmente no sector do vestuário.

Finalmente, a decomposição da taxa de crescimento nominal das exportações de têxteis e vestuário revela que a variação nas vendas ao exterior devida à entrada líquida de exportadores (a margem extensiva na dimensão empresa) é muito menor do que a variação média que resulta da alteração das vendas dos exportadores que permanecem (a margem intensiva na dimensão empresa). Adicionalmente, os contributos brutos da saída e entrada de empresas, destinos e produtos são relativamente grandes, especialmente no sector do vestuário. Isto sugere a existência de intensa reafecção de recursos em diversas margens: empresas, destinos e produtos.

## REFERÊNCIAS

- Amador, J. e Cabral, S. (2008), "O desempenho das exportações portuguesas em perspectiva: uma análise de quota de mercado constante", Banco de Portugal, *Boletim Económico-Outono*.
- Amador, J., Cabral, S. e Maria, J. R. (2007), "International trade patterns in the last four decades: How does Portugal compare with other cohesion countries?", Banco de Portugal, *Working Paper* 14.
- Amador, J. e Opromolla, L. D. (2008), "Product and destination mix in export markets", Banco de Portugal, *Working Paper* 17.
- Bernard, A. B., Eaton, J., Jensen, J. B. e Kortum, S. (2003), "Plants and productivity in international trade", *American Economic Review* 93(4), pp. 1268–1290.
- Bernard, A. B., Redding, S. J. e Schott, P. K. (2006), "Multi-product firms and product switching", NBER *Working Paper* 12293, National Bureau of Economic Research.
- Eaton, J., Eslava, M., Kugler, M. e Tybout, J. (2007), "Export dynamics in Colombia: Firm-level evidence", NBER *Working Paper* 13531, National Bureau of Economic Research.
- Fox, A., Powers, W. e Winston, A. (2008), "The happy few: The internationalisation of European firms", *Journal of Economic Integration* 23(3), 656–684.
- Francois, J., Manchin, M., Norberg, H. e Spinanger, D. (2007), "Impacts of textiles and clothing sectors liberalization on prices", *Report*, The Kiel Institute for the World Economy, Germany.
- Gaulier, G. e Zignago, S. (2008), "BACI: A world database of international trade at the product-level", *Working papers*, CEPII Research Centre.

- Hanzl-Weiß, D. (2004), "Enlargement and the textiles, clothing and footwear industry", *World Economy* 27(6), 923–945.
- Monfort, P., Vandenbussche, H. e Forlani, E. (2008), "Chinese competition and skillupgrading in european textiles: firm-level evidence", *Discussion Paper* 198, LICOS Centre for Institutions and Economic Performance.
- Nordäs, H. K. (2004), "The global textile and clothing industry post the Agreement on Textiles and Clothing", *Discussion Paper* 5, World Trade Organization.
- OECD (2004), *A New World Map in Textiles and Clothing: Adjusting to Change*, OECD.22.
- Schott, P. K. (2004), "Across-product versus within-product specialization in international trade", *The Quarterly Journal of Economics* 119(2), 646–677.

## APÊNDICE: Base de dados

### Definição de produto

De seguida apresenta-se uma ilustração da classificação que resulta da nomenclatura HS.

O capítulo 61 “VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, DE MALHA” inclui 17 rubricas a uma desagregação a 4 dígitos:

- 6106 Camiseiros (camisas), blusas, blusas-camiseiros (blusas *chemisiers*), de malha, de uso feminino
- 6101 Sobretudos, jponas, gabões, capas, anoraques, blusões e semelhantes, de malha, de uso masculino, excepto os artefactos da posição 6103
- 6102 Casacos compridos, capas, anoraques, e semelhantes, de malha, de uso feminino, excepto os artefactos da posição 6104
- 6103 Fatos, conjuntos, casacos, calças, jardineiras, calças curtas e calções (*shorts*) (excepto de banho), de malha, de uso masculino
- 6104 Fatos de saia-casaco, conjuntos, casacos, vestidos, saias, saias-calças, calças, jardineiras, calças curtas e calções (*shorts*) (excepto de banho), de malha, de uso feminino
- 6105 Camisas de malha, de uso masculino
- 6106 Camiseiros (camisas), blusas, blusas-camiseiros (blusas *chemisiers*), de malha, de uso feminino
- 6107 Cuecas, ceroulas, camisas de noite, pijamas, roupões de banho, robes e semelhantes, de malha, de uso masculino
- 6108 Combinações, saiotos (anáguas), calcinhas, camisas de noite, pijamas, *deshabillés*, roupões de banho, robes de quarto e semelhantes, de malha, de uso feminino
- 6109 *T-shirts* e camisolas interiores, de malha
- 6110 Camisolas, pulôveres, *cardigans*, coletes e artigos semelhantes, de malha
- 6111 Vestuário e seus acessórios, de malha, para bebés
- 6112 Fatos de treino para desporto, fatos-macacos e conjuntos de esqui, fatos de banho, biquínis, calções (*shorts*) e *slips* de banho, de malha
- 6113 Vestuário confeccionado com tecidos de malha das posições 5903, 5906 ou 5907
- 6114 Outro vestuário de malha
- 6115 Meias-calças, meias de qualquer espécie e artefactos semelhantes, incluindo as meias-calças e meias de qualquer espécie de compressão degressiva (as meias para varizes, por exemplo), de malha
- 6116 Luvas, mitenes e semelhantes, de malha
- 6117 Outros acessórios de vestuário, confeccionados, de malha; partes de vestuário ou de seus acessórios, de malha

A rubrica 6106 “Camiseiros (camisas), blusas, blusas-camiseiros (blusas *chemisiers*), de malha, de uso feminino” divide-se nas seguintes subrubricas a 6 dígitos

- 6106 10 - De algodão
- 6106 20 - De fibras sintéticas ou artificiais
- 6106 90 - De outras matérias têxteis

que é o nível de desagregação que corresponde à definição de produtos utilizada neste artigo.